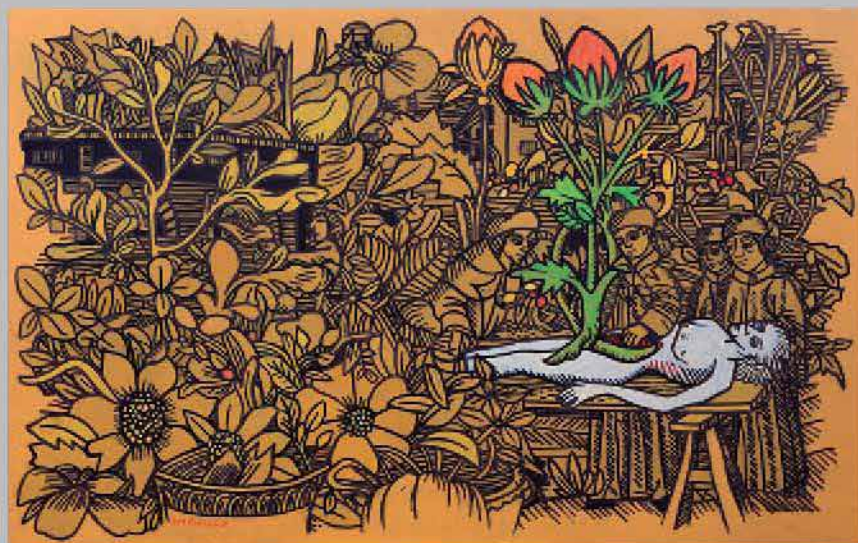


# EXCESSOS MILENARES

DENNIS ÁVILA VARGAS

**Preâmbulo de Álvaro Alves de Faria**

*VII Prêmio Internacional de Poesia  
Pilar Fernández Labrador - Salamanca*



*Tradução de Leonam Cunha*

CEIAS

Centro de Estudios Ibéricos  
y Americanos de Salamanca  
«Federico de Onís — Miguel Torga»

## «COLECCIÓN SALAMANCA»

Bajo la dirección general Alfredo Pérez Alencart  
profesor de la Universidad de Salamanca

### **Serie NEGRA:**

Derecho y Economía (Biblioteca Carlos Palomeque)  
Responsable: Alfredo Pérez Alencart, Universidad de Salamanca  
Jorge Leite, Universidade de Coimbra

### **Serie VERDE:**

Historia, Educación y Geografía (Biblioteca Guillermo Morón)

### **Serie NORA:**

Novela y Cuento (Biblioteca Juan Rulfo - Teixeira de Pascoas)  
Responsable: Carmen Ruiz Barrionuevo, Universidad de  
Salamanca; Rui Dias Guimarães, Universidade de Trás-os-  
Montes e Alto Douro

### **Serie GRIS:**

Poesía y Ensayo Literario (Biblioteca Gastón Baquero)  
Responsable: Alfredo Pérez Alencart, Universidad de Salamanca

### **Serie AMARILLA:**

Temas Científicos (Biblioteca Abraham Zacut  
Oscar Miró Quesada de la Guerra)  
Responsable: Alfonso Ortega Cermona  
Universidad Pontificia de Salamanca

### **Serie MARRÓN:**

Periodismo, Biografía y Viajes  
(Biblioteca Germán Arciniegas - Antonio Tovar)  
Responsables: José Luis G. Crego, Periodista;  
Ángel San Juan Marcel, Universidad de Salamanca

### **Serie GIAN:**

Antropología, Sociología y Ecología  
(Biblioteca Dionisio Castillo - Francisco Rodríguez Pascual)  
Responsables: Ángel Infestas Gil y Luis Enrique Espinoza;  
Universidad de Salamanca

### **Serie NARANJA:**

Filosofía y Política (Biblioteca Juan Nuño - José Carlos Mariátegui)  
Responsable: Manuel Sánchez del Bosque;  
Universidad Pontificia de Salamanca

### **Serie MAGENTA:**

Clásicos y Ediciones Críticas (Biblioteca Alfonso Ortega)  
Responsable: Luis Frayle Delgado, Latinista

### **Serie AZUL:**

Teatro y Arte (Biblioteca Juan del Encina - Carlos Contramaestre)  
Responsable: Miguel Elías

# EXCESSOS MILENARES

Salamanca, 2020



# EXCESSOS MILENARES

Dennis Ávila Vargas

*VII Prêmio Internacional de Poesia  
Pilar Fernández Labrador - Salamanca*

Preâmbulo de *Álvaro Alves de Faria*

Tradução de *Leonam Cunha*



Centro de Estudios Ibéricos  
y Americanos de Salamanca  
«Federico de Onís—Miguel Torga»

**“COLECCIÓN SALAMANCA”**  
**POESÍA Y ENSAYO LITERARIO**  
**(BIBLIOTECA GASTÓN BAQUERO)**  
**64**

© Dennis Ávila Vargas

© Centro de Estudios Ibéricos  
y Americanos de Salamanca (Espanha)

Depósito Legal: S. 313-2020

ISBN: 978-84-95850-70-4

Tradução: *Leonam Cunha*

Preâmbulo: *Álvaro Alves de Faria*

Pintura da capa: *Luis Cabrera Hernández*

Projeto Gráfico: *Florencia Zabala*

Impresso na Espanha - Printed in Spain - 2020



## **VII PRÊMIO INTERNACIONAL DE POESIA “PILAR FERNÁNDEZ LABRADOR”**

Um júri, integrado por António Salvado, Carmen Ruiz Barrionuevo, Jesús Fonseca, Alfredo Pérez Alencart, Carlos Aganzo, José María Muñoz Quirós, David Mingo e Inmaculada Guadalupe Salas, concedeu este prêmio em Salamanca, em 15 de abril de 2020, ao poeta Dennis Ávila por seu livro “EXCESSOS MILENARES”, um dos quinze trabalhos selecionados como finalistas, dos 1017 inscritos de todos os países ibero-americanos: Espanha, Portugal, entre outros. O prêmio, concedido anualmente, é convocado pela Associação de Mulheres em Igualdade, com a colaboração da Sociedade de Estudos Literários e Humanísticos de Salamanca (Selih) e da Deputação Provincial de Salamanca. Victoria Pérez Castrillo foi a secretária do júri.





# Índice geral

PREÂMBULO DE ÁLVARO ALVES DE FARIA.....	11
---	----

## ELEMENTOS CARDEAIS

PREFÁCIO DAS OFENSIVAS.....	19
MECÂNICA DO TEMPO.....	20
PACTO MARINHO.....	21
VENTO.....	22
OS DILÚVIOS.....	23
DUALIDADE.....	24
MUDANÇA CLIMÁTICA.....	25
UNIVERSO VORAZ DO INTANGÍVEL.....	27
MANANCIAL.....	28
O CANTO DOS PÁSSAROS.....	29
SISTEMA SOLAR.....	30

## A NOITE CELESTIAL

OS BUSCADORES.....	33
PEÇO LICENÇA PARA ENTRAR.....	35
CÍRCULO.....	36
PRIMEIRA NOITE.....	37

O GROSSOR.....	38
CLARO-ESCURO.....	39
PERCURSO ABERTO .....	40
PORTA DO LESTE.....	41
LATTITUDE DA PACIÊNCIA .....	42
PALAVRA TAMBOR.....	44
HUMILDADE.....	45

## **RELATÓRIO MEDULAR**

ESCOLA .....	49
OS PROFESSORES .....	50
O PORTADOR.....	52
RESPEITO.....	53
APEGOS.....	54
DIREITOS HUMANOS .....	56
OS BALANÇOS.....	57
EXCESSO DE BAGAGEM .....	58
POUSOS FORÇADOS.....	59
UNIDADE .....	60
ARTE MILENAR .....	61

## Preâmbulo

### POESIA PARA UM PLANETA ENFERMO

Antes de tudo, a poesia é revelação. O homem. A terra. É a natureza de todas as coisas. Ao poeta caberá sempre usar suas ferramentas de palavras para emoldurar esse mundo que, quase sempre, não se mostra ao olhar comum. Quase tudo permanece escondido num beco. É o poeta que sai à procura das joias raras para mostrá-las às pessoas. Essas observações se fazem necessárias, depois de se percorrer poemas deste belo “Excessos Milenares”, do poeta hondurenho Dennis Ávila Vargas que, para situar melhor sua poesia, especialmente deste livro, dividiu a obra em três partes: Elementos cardeais, A noite celestial e Relatório medular. Esta poesia é uma poesia de grandeza poética, de um autor que conhece bem o seu ofício de dizer em forma de poemas esse elemento que permanece escondido aos olhares, mas não ao olhar de um poeta atento ao que vive em seu redor.

O planeta está enfermo. A ganância parece vencer. E o mundo vai sendo destruído aos poucos pela irresponsabilidade de alguns que não medem as consequências de atos desprezíveis. Tudo em nome de negócios que pertencem a apenas alguns, em detrimento das pessoas, os habitantes da Terra. Começemos logo no primeiro poema, no qual o poeta afirma: “Nada começa aqui, tudo é antigo/ o fogo – deidade matriz –/ convida ao seu calor e também ao seu incêndio”. Não poderia ser melhor. Três versos que dão início a uma obra poética com as palavras certas para o mundo que apresenta quase sempre dissabores de toda ordem. É a maneira

de a Poesia participar mergulhada nesta destruição em que faltam rumos ou em que esses rumos são apenas desvios não verdadeiros que podem conduzir a vida do homem nas circunstâncias de uma vida difícil de viver.

Dennis Ávila Vargas elabora, no fundo, um longo poema de desvendar o que nem sempre se mostra. Essa, afinal, é finalidade de uma poesia que se quer presente e nunca distante da realidade de um mundo esfacelado por todo tipo de maldades que a poesia enfrenta e luta para clarear uma paisagem quase sempre escura, com muitas pedras provocando atropelos e percalços difíceis de ultrapassar. Mas a poesia consegue. A poesia sempre conseguirá, se for sentida pelos poetas que não se deixam levar pelas facilidades reinantes. O poeta, em grande parte deste “Excessos milenares” preferiu cursar os caminhos de um lirismo contundente pela beleza e pelo que pode informar ao homem. Dentro disso, o poeta utiliza versos que buscam o encantamento. Veja-se, por exemplo: “Há uma certeza: são cinco da tarde/ e vou ser uma árvore”. Ou: “Entrego o olhar a um pedaço da noite”. Mais: “Minha estrela da manhã está muito distante”. E ainda: “Humildade para irradiar a paz/ povoada de ausência”. São versos tocantes. Versos de poesia. De uma imensa poesia que pertence à vida do homem. E à toda natureza, equivale dizer à vida, que é o essencial. Assim, o poeta se debruça em vários horizontes do mundo para se fazer presente. Vejam este poema “Universo voraz do inatingível”:

*Nos telhados, velhos para-raios sustentam o inverossímil.  
A energia desce e ilumina o espaço  
por um segundo nuclear.  
Um piscar de olhos no que se vê se escuda.*

*O resplendor deixa uma marca no que foi perdido.  
Ciclo efêmero, abdômen de vaga-lume;  
as coisas belas são inacessíveis e breves  
como sapos de vidro.*

A palavra “efêmera” desse poema é o poema completo, se assim desejar o poeta, porque traduz tudo que está ao redor de cada um. O efêmero rio, o efêmero sentido, a efêmera vida. O efêmero mundo. O efêmero planeta agredido dia e noite, noite e dia, com ferimentos profundos que o fazem sangrar, as florestas que desaparecem, as águas que se esgotam, os pássaros que perdem o voo. Os animais tentam salvar dos incêndios as matas, o homem predador olha com seu orgulho doentio. E a ordem parece ser destruir, cavoucar a terra até que a terra desapareça. E onde entra a poesia nisso, feita de palavras e gritos? A poesia se faz necessária para até esclarecer o sentimento que, de alguma maneira, ainda existe em todo lugar. É algo que precisa ser resgatado.

O poeta recorre a Antoine de Saint-Exupéry para se situar: “O Pequeno Príncipe temia que os baobás/ comessem seu planeta inteiro/ Às vezes eles cresciam como aranhas/por dentro da terra”. Aranhas crescendo por dentro da terra significa certamente destruir tudo. Por fim a um planeta. Recorreu o poeta a imagens do escritor francês dono de uma poesia que atravessa os anos com uma mensagem que nem todos ainda compreenderam. Dennis também lembra a vida angustiante da poeta norte-americana Sylvia Plath, que acabou com a vida praticando o suicídio quando todos os caminhos se fecharam, dizendo que o inverno, em Sylvia Plath, não são as árvores cheias de neve, como pode parecer. Na verdade, sua botânica urbana –observa– é uma gata branca que a tempestade arranha. Pior é saber que essa tempestade sempre existirá na vida do homem e que outras Sylvia Plath seguirão pelo mesmo caminho, tal o peso das águas que caem das nuvens, tantas vezes com uma violência difícil de suportar. Não é à toa que o poeta afirma que “somos uma âncora à deriva pelas margens deste abismo”. Tem razão. O abismo estará sempre à espreita. Sempre estará presente. É preciso nunca esquecer que “a noite é um ninho/ sobre ela tecem suas pálpebras”. Sendo assim, é preciso saber que “sentir é um pacto ligado à respiração/ sentir é encher de pássaros o corpo”. O poeta deixa claro sua intenção de elaborar sua obra

poética em nome da vida. Afinal, esta é a vida. Ainda. Então é preciso preservá-la e respeitá-la também para que tudo se conclua. Mais um poema para que a poesia traduza a possibilidade de seguir de acordo com as normas da vida. Vejam este “Sistema Solar”:

*O sol é uma coordenada mestra.  
Vibra em sua meditação  
como um baú de fogo no frio cósmico.*

*Presente em cada excesso milenar,  
doem sua ausência e sua queimadura.*

*Pureza e esplendor: em forma de pólen  
ou chuva solar, sustenta a vida.*

*Ciência e espiritualidade coincidem:  
a sua voz transcende a matéria.*

*Estrela central, magma do Grande Mistério,  
todos os caminhos vêm do sol.*

Há sempre o começo, o meio e o fim. Muitos começam pelo fim e outros terminam logo no começo sem viver o meio. É tudo mesmo um grande mistério, que só os iniciados podem compreender porque estão mergulhados no infinito das coisas e do ser. Está no ser essa grande palavra a ser ainda desvendada, revelando porque existe e onde existe. A verdade é oculta e o ocultismo necessita de cuidados especiais dos humanos, porque não pode haver erro. O caminho está aberto, basta caminhar. Talvez não seja tão simples como pode parecer. Trata-se do transcendente. O poeta escreve em outro poema: “Qualquer forma de vida é irrepetível/ e soprando-se pelos terrenos baldios/ conquista rios que nascem duas vezes”. Nascer duas vezes, somente na poesia. E por esse motivo o poeta escreve o que sente e tem como certeza, embora sejamos flores passageiras paridas da mesma raiz. Aliás, sempre da mesma raiz,

como pode se notar nesta obra, no conjunto de seus poemas interligados, levando a um universo difícil de se descobrir. Tudo da mesma raiz, como haverá de ser sempre. Caminha assim esta obra, buscando sempre os segredos que se guardam na própria natureza e no fundo da vida, onde estão as palavras que ainda vivem, não sucumbiram aos baques fatais de um tempo que esmaga qualquer aceno, qualquer busca, qualquer silêncio, qualquer caminho, deixando o sentido mais cruel da ausência de tudo.

A poesia de Dennis Ávila Vargas se mostra pronta para enfrentar esse cenário tantas vezes sombrio para levar o que ainda resta da luz, uma espécie de profeta a mostrar que nem tudo se perdeu. “De todas as doenças/ a mais comum é a saudade da casa”, diz ele em um verso que tem vida própria assim sozinho, separado do próprio poema como se fosse ele, o verso, o próprio poema e sua poesia possível. Como epígrafe na terceira parte de seu livro, o poema utilizou um pequeno poema de São João da Cruz, uma indagação: “O peixe que sai da água/ alívio ainda não carece/ que na morte que padece/ no final lhe vale a morte/ Que morte haverá que se iguale/ ao meu viver lastimoso/ pois quando mais vivo, mais morro?”. Esses versos, na verdade, podem ser aplicados para explicar toda a poesia aqui escrita.

É como se o poeta partisse daí para sua trajetória, para sua observação nem sempre feliz: “Dos aviões/ dá para ver os rios que morreram antes de nascer”. É assim que se apresenta o planeta de hoje, devastado perversamente. Mas a natureza tem como responder à altura. E responde. “A selva se transforma/ Algo mais forte começa a apagá-la/.../ muito além do tempo o olhar tardio da aurora”. A palavra parece pequena diante desse caos que habitamos. Qual a porta de fuga? Não existem portas de emergência. O poeta observa em um poema que “a poesia é um cinzel que esculpe um almanaque”. E é verdade. Um simples almanaque. Tudo se transforma num almanaque. Por isso não há descanso, é preciso ir atrás. É preciso revivê-lo por direito à vida.

O poeta acredita que existem instantes que persistem no futuro, talvez um sonho porque, de alguma maneira, é ainda preciso sonhar: “Os sonhos entram pelo sono/ e morrem na realidade;/ Vejo-os passar como janelas de trem”. Seja como for, esse sonho haverá de existir sempre, se não a vida se nega, deixa de existir. O poeta sabe que a fé escala degraus da ansiedade. Tem de ser assim, a poesia é assim, a poesia vai mais fundo, não se deixa perder em devaneios inúteis que nada dizem à vida. Tem-se mesmo que se atirar nessa escada que não desvenda caminhos, mas está lá convidando os passos da procura. Os espíritos observam que a selva devora a selva. A vida devora a vida. Não há como evitar.

Esse, afinal, é o cenário de um tempo ruim, como diria o dramaturgo brasileiro Plínio Marcos. Um tempo ruim. Difícil de atravessar e viver. Um tempo de negação. O que se vê é o brilho de um Sol que insiste a brilhar como uma estrela de quinta grandeza. O Sol é necessário com sua luz. O planeta enfermo necessita de luz para sarar suas feridas cada vez maiores. Cabe à poesia criar essa possibilidade. O poeta fala do cosmos, dos pássaros, das árvores, as imensas árvores, dos rios. Sobretudo de toda a natureza, da qual dependemos. Sempre vamos depender. Nada como a poesia para cobrir tantas chagas. E os ferimentos são enormes, nem sempre têm cura. Assim, poderá chegar um dia qualquer de negação absoluta, de toda escuridão.

E o poeta dá sua sentença certa: “Todos adormecerão, inclusive os homens de negócios”.

**Álvaro Alves de Faria**

*Jornalista, poeta e escritor*

*São Paulo - Brasil*



# ELEMENTOS CARDEAIS

Repete para mim aquela história  
de como o Coração da Terra  
provocou o movimento telúrico  
que hoje nos mantém  
numa alta dimensão do ar

PAOLA VALVERDE ALIER



## PREFÁCIO DAS OFENSIVAS

Nada começa aqui, tudo é antigo;  
o fogo —deidade matriz—  
convida ao seu calor, e também ao seu incêndio.

O grito é a semente do eco,  
um caracol exalta as margens da lentidão.

A claridade acorda pelas fendas:  
golpeia a mesa como um silêncio de chaves.

O frio roçará os meniscos do acidente;  
os hospitais misturarão feridas  
e esta é a eternidade.

Os instantes são abelhas: notas  
do hino de gravidade que mantém o planeta.

Já não pergunto sobre o final desse túnel:  
estremece lá um tambor de água.

## MECÂNICA DO TEMPO

O tempo cai em pé. A palavra de ordem  
é um aplauso, uma bolha que explode.

Ele persiste em sua descoberta;  
rio de areia por onde atravessa o mundo.

Suas agulhas são braços cruzados,  
um vértice entre a insatisfação  
e o segundo pela resignação decretado.

Os primeiros relojoeiros se estragaram com o *jet lag*,  
nossos ancestrais inventaram o lamento  
longe do sol  
e seu olhar pálido lá do outro lado da neve.

Como o mar, resguardam sua partitura.  
É o tempo, e ele cai em pé – como a chuva.

## PACTO MARINHO

O mar não está sozinho, vai acompanhado de seu espírito de balsa.

Credencial oceânica, de perto é um cavalo;  
nas distâncias, uma perfeição horizontal.

Ele gosta que o chamemos mar,  
mas também entende se lhe dizemos memória.

Pouco ou nada lhe interessam os barcos enferrujados  
e menos ainda o gelo que se torna mar.

Não tem olhos, mas suas ondas insistem  
sem perder de vista a areia e os penhascos.

Maré baixa, maré alta,  
o universo rege o vai-e-vem sagrado dele.  
Às vezes, calma; outras, tragédia;  
assume o seu acordo com a lua.

O mar não está sozinho: ele protege o infinito.

## VENTO

Pondera lento um caracol no meio da selva,  
dá refúgio ao motor do beija-flor  
e às pedras que principiam o fogo.

Rebeldia de neurônio, cabelos soltos,  
inércia de redemoinho;  
vigília e espinha dorsal.

Sua força é todos os lugares,  
realiza análises, amola nomes,  
escreve escamas pela superfície do lago.

Qualquer forma de vida é irrepetível,  
e, soprando-se pelos terrenos baldios,  
conquista rios que nascem duas vezes.

Somos uma tela sem esquinas,  
carregamos nos ombros os olhares do vento.

## OS DILÚVIOS

Não há arca nem Noé. É só um conto  
de animais perdidos no meio do oceano.

Lenda iluminada: sinfonia  
de árvore sideral, compasso com águas-vivas boreais.

A evolução é parte do esforço;  
caleidoscópio para ignorar o desastre.

Espera infinita, óxido do medo  
no aço concebido para a tensão.

O dilúvio estia, mas o céu é um casulo.

Somos uma âncora à deriva, pelas margens deste abismo,  
remos que levantam a voz num protesto de barcos.

## DUALIDADE

O entardecer, no fundo, é um eclipse.

O dia, uns olhos que devoram.

A noite, um morrinho que tapa a luz.

Elementos cardeais: toda casa  
esconde um passado de pedra,  
a cegueira se desanuvia para o zênite.

Um pedaço de madeira  
toma seu lugar em meio às cinzas.

Astro do tempo:  
uma manhã dentro da noite, a lua sobre o sol.



## MUDANÇA CLIMÁTICA

Existe um epicentro no felino que criou os desertos.

Câmera lenta a avalanche,  
quarto de máquinas um vulcão.

A cordilheira escolta o horizonte,  
e na dobra do entardecer  
o dia expulsa as estrelas.

Um meteorito altera a botânica.  
O impacto move os lagos.  
Os nenúfares ordenam a água.

Todas as coisas mostram seus dentes:  
em cada samambaia há um serrote verde,  
inocente e dual.

Na comarca do gelo  
ursos polares procuram-se uns aos outros, assassinos,  
para enganar a fome.

Súbito o nome do oposto:  
os cristais envelhecem para serem jovens,  
o equilíbrio persegue a ferida  
e não a cicatriz.

As deidades esquecem de se lambar  
como jaguares  
em seu instante sabático.

O planeta sente a dor de cada passo.  
Há um felino no epicentro de seus dias.

## UNIVERSO VORAZ DO INTANGÍVEL

Nos telhados, velhos para-raios sustentam o inverossímil.

A energia desce e ilumina o espaço  
por um segundo nuclear.

Um piscar de olhos no que vê se escuda.  
O resplendor deixa uma marca no que foi perdido.

Ciclo efêmero, abdômen de vaga-lume;  
as coisas belas são inacessíveis e breves  
como sapos de vidro.

## MANANCIAL

As cascatas existem  
porque a viram chover.

Mãe das possibilidades,  
seu legado é um diâmetro perfeito.

Tem um tempo para afogar,  
traz o verde e extingue a seca.

Cortina torrencial,  
requere o que é seu.

Benditos os caminhos  
que aprendem a viver  
com seus rios verticais.

A chuva é um monólogo.

## O CANTO DOS PÁSSAROS

Descansam os pincéis do voo.

A noite é um ninho,  
sobre ela tecem suas pálpebras.

São perfeitos em sua entidade selvagem:  
a cor dos flamencos  
e seu belo contraste com o dia.

Suas penas permitem contemplar  
uma respiração de corpo inteiro.

Abrem os olhos e procuram uma poção:  
a trança que ilumina seu chamado ao sol.

Bando de cantos, diz a montanha:  
procuram que amanheça.

## SISTEMA SOLAR

O sol é uma coordenada mestra.

Vibra em sua meditação  
como um baú de fogo no frio cósmico.

Presente em cada excesso milenar,  
doem sua ausência e sua queimadura.

Pureza e esplendor: em forma de pólen  
ou chuva solar, sustenta a vida.

Ciência e espiritualidade coincidem:  
a sua voz transcende a matéria.

Estrela central, magma do Grande Mistério,  
todos os caminhos vêm do sol.

## A NOITE CELESTIAL

Com quem hei de ir?  
Nada deixarei depois de mim sobre a terra?

*Como terá de atuar meu coração?*

*Por acaso em vão viemos à vida,*

*brotar sobre a terra?*

*Deixemos ao menos flores*

*Deixemos ao menos cantos*

NEZAHUALCÓYOTL





## OS BUSCADORES

Deixamos a cidade, suas leis e semáforos;  
unimos nosso espírito à coluna vertebral.

Sentir é um pacto ligado à respiração.  
Sentir é encher de pássaros o corpo.

Deixamos de lado números e agendas.  
Apalpamos um rio.

É o poder da montanha.  
Viver outras vidas, perder os passos.  
Somente há uma vereda: o fundo da gente mesmo.

A busca é um ofício milenar.

Procurar o fogo, o ar, a água.  
Um propósito de terra no caminho que dá no sol.

Procurar como quem cura,  
e o fogo dirá as palavras dentro da gente.

Ver é a resposta,  
a origem da música,  
a pele dum grilo,  
o vento em cada folha,  
as mãos, a sede, a água, a árvore:  
o sorriso de alguém que busca algo  
quando enfim encontra a visão.

A paz é a primeira pedra,  
a primeira habitante do planeta.

Jejuamos e entregamos a palavra.  
Nesta paz, a busca se desperta.

## PEÇO LICENÇA PARA ENTRAR

Licença ao sol, aos mamíferos e insetos,  
à minha árvore e ao frio.

Os quatis afundam os olhos na cabala.  
Abelhas celebram a colmeia.

Somos flores passageiras, paridas pela mesma raiz.

Penso nas cobras: sua única extremidade.  
Moldam a grama com seu passo.

Vermes mergulham e deixam bolhinhas de terra.  
Não conhecem o barulho.

As aranhas tecem seu mantra;  
somos espíritos e há um código maior,  
uma licença  
para coiotes e porcos-do-mato.

Peço licença.  
Sou novo neste bosque nublado.  
Podem aproximar-se sem morder.  
Não quero que a noite me doa.

## CÍRCULO

Levanto a vista. Assomam-se as presenças,  
entre elas, a solidão.

Pedem que eu permaneça perto do meu professor:  
uma árvore sábia como um cajado de silêncio.

Os espíritos observam.  
A selva devora a selva.

Soa o tambor da montanha.  
A erva mantém o sereno,  
o medo levita sobre a audiência.

Rodeia o ar sua transparência sólida.  
A claridade desce para o efêmero.

Minha sombra perde cor.

Respeito as raízes em que tropeço;  
não quero violar seus espinhos.

Meu corpo tem que estar exposto para ver  
a estrela que prometeu a música.

Aparece a lentidão: nove passos  
são um dia neste círculo sagrado.

## PRIMEIRA NOITE

Há uma certeza: são cinco da tarde  
e vou ser uma árvore.

Estou plantado no terreno baldio  
que se entregou ao meu espírito.

Cruzo o terreno de um lado a outra,  
sem mais preâmbulo além de minha perplexidade.

É tempo de dormir para os animais do dia.  
Alongam-se os animais noturnos.

Desvelo luminoso,  
não distingo nem sede nem insônia.

A noite é uma baleia que descansa.  
As estrelas, suas protetoras.

O ar dá refúgio à lua, bela,  
do outro lado deste musgo cósmico.

Sobrevivo ao cansaço.

A montanha toma uns goles de tempo.  
Abro os olhos e eis a escuridão.

A rede que vejo  
volta vazia a cada tentativa.

## O GROSSOR

Entrego o olhar a um pedaço de noite.

Meu cerne depende da unidade  
de minhas intenções.

Sou um planeta aberto a uma visão.

A terra é ordem musical.  
Uma cachoeira é um grito d'água.

Distraio-me como um instrumento desafinado.  
Arpejos suam pelos joelhos, pelos cotovelos.  
Escapulo num curto-circuito.

Vou de um lado para o outro com minha mente espacial.

Tudo isso é um voo de fractais;  
guidão sem diário de bordo  
num caminho inundado de caminhos.

## CLARO-ESCURO

Minha estrela da manhã está muito distante.  
Penso-te e duas lágrimas descem pela transparência.  
Penso-te: só teu rosto abre a densidade.

Medito. Em vez de contar, tropeço em cada número.  
Não há culpas  
nem mãos para dissipar a nuvem de mosquitos.

Tomo consciência do frio.  
O nariz do busque cheira o divino.

Levanto meus dedos:  
foram apagados por este negror espesso.

Penso-te e brota o milagre  
quando assoviam os pássaros.

A madrugada é um corpo petrificado.  
Nunca tinha visto a noite.

## PERCURSO ABERTO

A fé escala degraus de ansiedade.

Vislumbro uma indômita estação:  
a grande ausência é da chuva.

Há um rio. O vento o traz no vento.  
A solidão repete a água.

Vim rezar a humildade e não tenho paciência;  
vim-me curar e só vejo a sede.

O frio desconecta, o calor é um termômetro quebrado;  
as pedras, avós que dormem.

Nada me priva do esquecimento. Estou consciente.  
Afino minha paz e cruzo essa ponte.

Sigo o trajeto do sol. Ele é o meu relógio.  
O céu é um iceberg de corpo inteiro.

Vejo as formigas. Costuram a ânsia.  
O caminho delas se rende à totalidade.

Dão oferendas ao seu povo, à sua mãe.  
Seu trabalho é viver.



## PORTA DO LESTE

Aparece a esquina onde nasce o tempo.  
É a porta do Leste.  
Meus olhos conectam-se com o astro mor.

Retorno à meditação.  
Fala a fome.  
Os pensamentos da fome.  
Agito a voracidade para embaçá-la.

Mudo a voltagem.  
Esmacece. A sede gana.

Os sonhos entram pelo sono  
e morrem na realidade.  
Vejo-os pasar como janelas de trem.

Subo ao vento e seu peso se evade.

É um enjoo:  
alteram-se as cores que respiro.

Os sonhos se empapam  
e regressam com os lábios secados.

Agora entendo nossos ancestrais:  
nada mais humano que invocar a chuva.

## LATITUDE DA PACIÊNCIA

Há um instante que persiste no futuro.

Pergunto-me estarei vivo  
quando queiram me colher.  
Indago com minha coragem. Uma voz desce  
—vertebral— por minhas costas. E sobe.

O sol está mais alto que nunca.  
Os mosquitos encontram em mim sua pesquisa.

Meu trabalho é afastá-los.  
Não vim para matar.

Dormir dói: as costas são uma úlcera.

Não há descanso.  
O dia segue e eu vou detrás dele.

Vejo através duma libélula;  
suas asas têm veias, alisam o voo.

Uma grama observa, intrigada;  
é obesa como a selva.

Desço a vista. Não falo o idioma deles.  
Desconheço a avenida dessas árvores.  
Agora passa um macaco. Depois outro, e outro.  
Os ramos se balançam em sua coreografia.  
Brincam ao espírito do vento.

O sol dorme cedinho.

Aqui não há faróis para encompridar o tempo.

Aproxima-se outra noite extensa  
como um lago a nado.

Vejo minha árvore. Continua imutável,  
a paciência é uma cor.

Ponho cadeado nos desejos,  
mas a água estoura meus tímpanos.

## PALAVRA TAMBOR

Dialogo com minha árvore. Emulo sua raiz,  
seu tronco, seus galhos fortes.  
Por ela caminham animais e silêncios.

Estou aqui para me curar. Cem metros  
e um dia me separam de outro buscador.

Não podemos conversar; imagino-o  
escavando respostas em seu questionário.

O rio inunda minha visão:  
um som belo e limpo.

A selva se transforma.  
Algo mais forte começa a apagá-la.  
O dia é uma sinfonia de tons.  
A montanha mostra sua semântica.

Volta a noite com seu manto estelar.  
Muito além do tempo, o olhar tardio da aurora.

## HUMILDADE

Terra para calar nossa mente  
diante da mais simples contemplação.

Humildade para irradiar a paz  
povoada de ausência.

Terra para embalar a sede e respeitar a água.

Humildade para acalmar os pensamentos  
e sua cor existencial.

Terra para escutar  
o país de perguntas onde habitam as crianças.

Humildade para reconhecer  
que não somos iguais,  
mas merecemos o mesmo.

Terra para nos olharmos no olho  
e construir uma ponte.

Humildade para aceitar que somos a doença  
e também a cura.

Terra para segurar as raízes celestiais  
que veem os colibris na chuva.

Humildade para ganharmos o respeito  
das gerações vindouras.

Terra para semear um barquinho de papel  
em cada trago de humildade.

Assim, trezentas e sessenta e cinco vezes,  
até tocar o silêncio e cair adormecidos.

# RELATÓRIO MEDULAR

*O peixe que sai da água  
alívio ainda não carece,  
que na morte que padece  
no final lhe vale a morte.  
Que morte haverá que se iguale  
ao meu viver lastimoso,  
pois quanto mais vivo mais morro?*

SÃO JOÃO DA CRUZ





## ESCOLA

Meu avô é a árvore à qual me semearam  
a fim de que eu ficasse lá na montanha.

No primeiro dia, não soube falar com ela;  
a noite foi longa como um cinzel  
que eu não tinha em mãos.

No segundo dia, dormi ao pé de sua respiração  
e, quando era noite, deitou-se ao lado meu.

No terceiro dia, continuava o martelar da sede.  
Levantei-me e abracei a casca da árvore.  
Com os olhos lhe pedi que chovesse.

O bosque nebuloso me falou, no quarto dia:  
“A noite é dos grilos e a manhã, dos passarinhos”.

Um ano depois, voltei.  
Reconheci nas suas raízes o soco de um relâmpago.  
A metade que sobrava, quando caiu, atravessou minha montanha.

## OS PROFESSORES

Liquidâmbar é o nome de um pai.  
Carmen Villoro o plantou num livro  
para visitá-lo com sua poesia.

Jaday Payeng carrega uma árvore na mochila;  
vem fazendo isso há quatro décadas  
para que um bosque respire no deserto.

O Pequeno Príncipe temia que os baobás  
comessem seu planeta inteiro.  
As raízes deles cresciam como aranhas  
por dentro da terra.

Sebastião Salgado e Lélia Wanick  
voltaram ao Brasil. O que os destruiu  
foi o verde desmembrado.  
Duas décadas bastaram  
para mostrar as fotos  
que integram as sementes  
quando alguém as ouve.

Com o olhar, Szymborska  
conversou com uma borboleta  
que era a sombra e as asas dela.  
Ao pé de um álamo deitou ramos naquele voo.

O inverno, em Sylvia Plath,  
não são árvores cheias de neve:  
sua botânica urbana é uma gata branca  
que a tempestade arranha.

## O PORTADOR

Se o passado foi demais para nós,  
há muito para dizer sobre o futuro.

Sabemos que chegamos a ele para adormecer,  
mas seu impacto é uma apreensão de bisontes  
nesta selva de segurança máxima.

O futuro nunca chegou até aqui,  
nem no prólogo de uma extorsão  
ou diante do espelho dos sonhos mais baixos.

Por detrás desse ar obeso, há sons irritantes:  
caminhões de lixo e essa sua obsessão por triturar.

Somos roedores do presente,  
operários nesta sarjeta interminável  
que nos proíbe de ver.

Se o passado é imenso,  
não há maneira de contemplar o futuro inteiro.

Ele é especialista em fazer esperas.

Formamos um telescópio  
que pensamos que está distante  
e qualquer coisa pode nos destruir.

## RESPEITO

Uma mulher pinta um beija-flor.  
Seu coração é uma tela inacabada;  
o futuro, uma galeria de ausências.

Exceto a caixa de cores  
que palpita em seus braços:  
com isso se ilumina o nada.

No ateliê que liga seu peito  
e a forma que tem sua respiração,  
nasce um arrecife de penas.

Nos olhares que contemplam seus traços  
e o esquecimento que resiste em desaparecer,  
o ar pensa que passa.

Suas mãos são pincéis:  
flechas no arco da vontade.

Existem coisas mais importantes,  
mas agora uma mulher está pintando um beija-flor.

## APEGOS

De todas as doenças,  
a mais comum é a saudade de casa.

Recinto que jamais abandonaríamos,  
e que tantas vezes odiamos,  
porque não tem uma porta maior,  
outro banheiro ou menos grades para nos encerrar.

Será que é assim que alguém que cumpre  
prisão perpétua pensa sobre sua casa?

Não, é bem pior. Ninguém poderá nos dizer  
se deixamos o gás aberto  
ou se aquela cortina que, balançada pelo vento,  
deixava à mostra a roupa íntima.

Os sobreviventes abrirão a porta  
e construirão o teatro que fomos nós?

Eles destruirão tudo: vão pôr  
os dedos em nossa comida  
e depois de um longo cochilo  
vão vir de novo bisbilhotar.

Em todas as doenças, reflete-se a saudade;  
reunimo-nos em grupos para recordar  
e falaremos das ausências  
para assim reviver os espelhos que nos olhavam-viam.

Cada testemunho é o desejo  
de colocar as coisas em seu lugar:  
os quadros tortos, a roupa pelo chão;  
todas as luzes que deixamos acesas.

## DIREITOS HUMANOS

Há um homem cuja bagagem de mão  
é um tabuleiro de xadrez.

Traz no olhar uma muralha de peões,  
e em cada movimento a precisão de um bisturi.

Sente-se protegido pelo cavalo de seu olfato,  
e inventa uma jogada que lhe permite flutuar  
com os pés no chão.

Seus olhos são bispos e se cruzam  
como cinturões de uma camisa de força;  
seus braços, torres que sobem ao rosto  
para cuidar de um rei.

Um homem, cuja bagagem de mão  
é um tabuleiro de xadrez, viaja com seus fantasmas.

Ele não deixaria a dama,  
que ostenta tatuada no peito, sob os cuidados de ninguém.



## OS BALANÇOS

Este levantar os pés por tanto tempo  
—esta conspiração—  
não seria possível sem os balanços.

Primeiro, as costas para atrás.  
Depois, mil chutes ao vento.

Não foi um balanço, talvez,  
o motor que ganhou vida  
entre os irmãos Wright?

Inclusive os balanços de Morabito  
—sobreviventes à inclemência  
que arrasou parques e libélulas—  
são responsáveis por esse voo e aquele outro.

Seu festival de curvas espaciais  
no seu tripode de ferro  
ou nas hélices duma árvore  
deram abrigo para a sede.

Essa insistência em nos separar da terra  
—esta revolução— não é devida a um pássaro,  
mas a um balanço.

## EXCESSO DE BAGAGEM

Todos adormecerão,  
inclusive os homens de negócios.

Cedo ou tarde  
reclinarão o assento  
até imaginarem a paz.

O onírico colocará diante deles o vazio:  
um acordo de negócio em Modo Avião.

Acabará a turbulência,  
ante um mercado inexistente  
poderão se render.

Dormir será seu último negócio;  
o hangar, amplo e solitário,  
onde vão morrer os aviões toda noite.

## POUSOS FORÇADOS

Dos aviões  
dá para ver os rios que morreram antes de nascer.

Dos aviões,  
palavras como estalactites,  
incapazes de finalizar uma oração  
neste mundo povoado de cavernas.

Dos aviões,  
um estranho paralelo:  
ver o mar em sua amplidão e não poder escutá-lo.

Dos aviões, um *mayday*  
na altura dos fins  
que justificam os medos.

Até no ar, a desigualdade:  
uma cortina que separa  
a primeira classe do resto  
até o último dos dias.

## UNIDADE

O homem do violão vê a mulher da harpa  
e ela o convida para tocar.

Não falam a mesma língua,  
mas os dois conhecem as mãos e o vento.

O violão se entrelaça ao cabelo da harpa  
e improvisam juntos algo mais belo que a solidão.

Fecham os olhos e fogem,  
começam um transe que os leva longe.

O talento converte o palco num pentagrama  
e —como entes musicais— eles descobrem o silêncio.

## ARTE MILENAR

A poesia é um cinzel que esculpe um almanaque.

Uma mão ulcerada  
pelo movimento que vibra os martelos.

Que resta por fazer  
sobre esta rocha amarga e tesa?

Quanto tempo devemos esperar  
para talhar com força nossas ruínas?

**El CEIAS es una institución cultural creada por profesores universitarios y profesionales salmatinos y emericanos con la finalidad de promocionar actividades sobre España, Portugal y América del Sur, del Centro y del norte.**



**Dennis Ávila Vargas (Honduras, 1981).** Uma seleção dos seus primeiros livros se encontra na antologia *Geometria elementar* (Casa de Poesía, Costa Rica, 2014). Em 2016, publica-se por Ediciones Perro Azul (Costa Rica) o livro “A infância é um filme cult” (*La infancia es una película de culto*, título original), reeditado pela Editora La Chifurnia (El Salvador), por Ediciones Trábalis (Puerto Rico) e por Amargord (Espanha). Em 2017, pela editora Amargord, publica-se “Roupa Americana” (*Ropa Americana*), reeditado por Puertabierta Editores (México, 2018) e traduzido ao árabe pelo poeta Fakhry Ratrouf (Al’aan Ediciones, Jordânia, 2019). Em 2019, também por Amargord, publica-se “História da sede” (*Historia de la sed*). Sua antologia poética, “Escola de pássaros” (*Escuela de pájaros*), faz parte da Coleção Ibero-americana Primavera Poética, publicada por Lima Lee (Peru, 2020). Desde o ano de 2017 possui, também, a nacionalidade costarriquense, país onde reside atualmente.